UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

YARA LUANA DE LUCENA LOPES

QUAL IMPACTO A PANDEMIA DA COVID-19 TEVE NA VIDA DOS DOCENTES DE ETNIA INDÍGENA

CARUARU
2022

YARA LUANA DE LUCENA LOPES

QUAL IMPACTO A PANDEMIA DA COVID-19 TEVE NA VIDA DOS DOCENTES DE ETNIA INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Pedagogia.

Orientador: Sandro Guimarães Salles

CARUARU

2022

Dedico este trabalho a todos os docentes, em especial os de etnia indígenas.

Que tem passado por vários desafios em quanto profissionais da educação.

Que haja reconhecimento e suas lutas sejam valorizadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me guiar e me dar forças.

Aos meus pais, que mesmo sem saber foram muito importantes nessa caminhada.

Ao meu namorado Lucas, que sempre me motiva a correr atrás dos meus sonhos.

Aos meus amigos, que estiveram comigo nessa jornada.

Aos professores que contribuíram para profissional que estou me formando, em especial a Sandro Guimarães, que aceitou me orientar neste trabalho, sendo muito paciente e compreensivo.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

Qual impacto a pandemia da covid-19 teve na vida dos docentes de etnia indígena

What impact has the covid-19 pandemic had on the lives of teachers of indigenous ethnicity

Yara Luana de Lucena Lopes[1]

RESUMO

O presente artigo apresenta e discute, de forma introdutória, como foi/está sendo vivenciada a pratica do docente de educação indígena em meio à pandemia da Covid-19. Esta consiste em uma infecção respiratória aguda de alto contágio, que vem deixando o mundo em estado de calamidade. Neste sentido, a presente pesquisa versa sobre o impacto que a referida pandemia teve sobre as/os docentes indígenas em Pernambuco, as principais dificuldades por elas/es enfrentadas e os meios que utilizaram para tentar contorná-las.

Palavras-chave: Covid-19. Docência. Etnia indígena.

ABSTRACT

This article presents and discusses, in an introductory way, how the practice of indigenous education teachers was/is being experienced in the midst of the Covid-19 pandemic. This is a highly contagious acute respiratory infection, which has left the world in a state of calamity. In this sense, the present research deals with the impact that the aforementioned pandemic had on indigenous teachers in Pernambuco, the main difficulties they faced and the means they used to try to overcome them.

Keywords: Covid-19. Teaching. Indigenous ethnicity.

DATA DE APROVAÇÃO:

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: yara.lopes@ufpe.br.

1. Introdução

Há mais de dois anos o mundo vem enfrentando a crise gerada pela Pandemia da Covid-19, que vem o tirando da normalidade. A Covid-19 consiste em uma infecção respiratória aguda, altamente contagiosa, cuja contaminação levou a milhares de mortes por todo o planeta. Assim, o mundo se tornou um ambiente de caos, assistindo impotente o número de vítimas dessa síndrome se multiplicar da noite para o dia. A Pandemia da Covid-19 já é considerada uma das maiores crises históricas na área da saúde, mas que acaba refletindo em outras estâncias, como economia, educação, cultura etc. No tocante à economia, o desemprego aumentou significativamente em todo o mundo. No Brasil, como em outros países, às atividades presenciais na educação, tanto nas escolas quanto nas instituições de ensino superior, foram suspensas, sendo mantidas as aulas apenas em caráter remoto. A educação infantil foi uma das mais impactadas, pois as crianças, durante quase dois anos de Pandemia, não puderam ir às escolas. Outras instituições de extrema necessidade, como os hospitais, funcionavam apenas para atendimentos emergenciais; as ruas estavam vazias, em um cenário sombrio, nunca visto pela grande maioria das pessoas; lojas, igrejas e outros espaços frequentados cotidianamente pelas pessoas foram fechados; todas tinham medo de sair às ruas; o mundo se encontrava em estado de calamidade. O desconhecido e invisível trouxe mudanças. A partir daí, tudo passou a ser reinventado. O mundo não podia mais permanecer parado, as pessoas tinham que seguir suas vidas e trabalhar para alimentar suas famílias.

No que diz respeito à educação escolar indígena, é necessário entender o que ocorreu na educação diante desse quadro e entender os desafios que foram e estão sendo enfrentados pelas professoras e professores indígenas, que não puderam estar na sala de aula, e o impacto que causou na vida das crianças indígenas, visto que os povos indígenas foram um dos mais impactados pela crise da Covid-19 no Brasil. É notório, portanto, o grande impacto da crise na vida e, consequentemente, nas escolas indígenas. Partindo do cenário acima exposto, surge a indagação sobre como os profissionais da educação escolar indígena em Pernambuco lidaram com a crise. Como suas vidas profissionais seguiam? Essas questões nos levaram ao seguinte problema de pesquisa: qual o impacto da pandemia do Covid-19 sobre a vida das/os docentes indígenas? Essa questão se torna ainda mais delicada se levamos em consideração as ameaças constantes, por parte do atual Governo Federal, aos direitos indígenas. Como argumentam Santana e Santana,

> Atualmente, no Brasil, os povos indígenas têm tido seus direitos e suas garantias constantemente violados devido a inflamáveis retóricas políticas em curso no país. Sendo assim, a situação indígena carece de maior apoio e tal situação precisa ser analisada de forma transversal de modo a situar o problema enfrentado, principalmente no que se refere à educação (SANTANA e SANTANA, 2020, p.392).

Vê-se, desse modo, a necessidade de discutir os impactos que as mudanças ocasionadas pela pandemia da Covid-19 tiveram na educação escolar indígena: o que mudou, os desafios e as dificuldades encontradas. Para melhor compreensão, se dá como objetivo geral de pesquisa:

- Descrever as principais dificuldades enfrentadas pela/o profissional da educação escolar indígena na docência, diante do cenário pandêmico.

Como específicos, elencamos os seguintes objetivos:

- Identificar as estratégias das/os docentes da educação escolar indígena diante das dificuldades por elas/es enfrentadas nesse novo cenário;
- Compreender como está se dando o aprendizado da/o aluna/o indígena, pela visão da/o docente;
- Analisar os impactos para as/os professoras/es indígenas de diferentes povos em Pernambuco.

A presente pesquisa se justifica com base no atual cenário pandêmico, que teve profundas implicações na educação escolar indígena. Desse modo, destacamos a relevância social de trabalhos sobre esse impacto na vida dos povos indígenas em Pernambuco. Nossa pesquisa traz um recorte desse impacto, refletindo sobre como os profissionais da educação escolar indígena se reinventaram diante da nova realidade. As escolas precisaram se adaptar a esse cenário e aprender a lhe dar com as complexidades que foram surgindo. Este trabalho busca compreender como essas mudanças refletiram nos educadores.

A escolha desse tema também se prende ao fato de estar em linha direta com a formação da pesquisadora. O curso de Pedagogia, no qual está sendo defendido o presente Trabalho de Conclusão de Curso, está situado no Campus do Agreste da UFPE, que tem uma longa experiência junto aos povos indígenas, sobretudo com a existência da Licenciatura Intercultural Indígena. Esta Licenciatura, que inicialmente funcionou como um Programa do Ministério da Educação, a partir do então Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais (Prolind), contou desde seu início, em 2009, com várias/os docentes do colegiado de Pedagogia. Recentemente efetivado como curso regular da UFPE, a Licenciatura Intercultural Indígena ainda mantém professores de Pedagogia no seu colegiado. Há, portanto, uma íntima relação em nosso campus entre os dois cursos, o que aproximou discentes e docentes

da Pedagogia das questões dos povos indígenas em Pernambuco.

Por fim, o trabalho se justifica pela relevância dos problemas que estão sendo enfrentados pelos povos indígenas em Pernambuco nos últimos anos, como, lamentavelmente, vem ocorrendo com povos indígenas em todo o Brasil. Esse trabalho busca contribuir para a discussão sobre diversos problemas referentes à educação escolar indígena em Pernambuco. Desse modo, esperamos que ele contribua para a reflexão desse cenário atual, bem como enquanto fonte de informações para trabalhos futuros sobre o tema.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa realizada é de caráter qualitativo, por não apresentar procedimentos estatísticos no processo de análise do problema. Os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa foram diálogos com professores indígenas em Pernambuco, os quais possibilitaram uma visão mais detalhada de como está a vida dos docentes e como as adaptações ocorreram de acordo com cada realidade. Também procedemos a uma análise bibliográfica, que possibilitou a ampliação dos conhecimentos sobre a história dos povos indígenas, especialmente sobre as epidemias no início do contato. Por fim, vale salientar que sendo esta pesquisa realizada durante a pandemia, também teve sua escrita impactada pelas restrições e tensões do momento pandêmico, o que limitou sobremaneira o trabalho de campo.

3. Os povos indígenas e as epidemias

A pandemia da Covid-19 não é a primeira epidemia vivenciada pelos povos indígenas no Brasil. Diversas doenças causadas pelo contato desses com os colonizadores europeus vitimaram milhares de indígenas em todo o território nacional. Dentre essas epidemias, podemos destacar a gripe, a varíola, o sarampo e a febre amarela. Segundo Paulo Rezzutti, membro do instituto histórico e geográfico de São Paulo, padres jesuítas relataram que entre 1554 e 1589 morreram mais de 60 mil indígenas em decorrência dessas epidemias.

Na Carta da Bahia, escrita em 1560, pelo padre jesuíta Ruy Pereira, é mencionada uma “peste” que dizimou dezenas de indígenas. Como os jesuítas possuíam anticorpos, não eram contaminados. No entanto, os padres atribuíam à proteção divina o fato de não terem contraído a doença que dizimava os indígenas. Vejamos parte do documento:

> Por este Espirito Santo começou aqui como ramo de peste entre estes índios desta egreja que morreram assim de grandes como de pequenos em breve tempo até sessenta ou mais [...] as doenças iam por diante, e tomava-os tão rijo com pontadas e dores, (148) que posto que fosse um mancebo mui robusto, em 4 ou 8 dias lhe tirava a vida. Finalmente, enquanto isto durou não havia certo tempo de repousar, porque de noite, estando dormindo, nos

> chamavam muitas vezes pera irmos acudir os que queriam morrer e bautisalos; o ordinário era enterrar cada dia ora um, ora dous, ora três, ora quatro, e ás vezes levávamos dois de um caminho; [...] Dia foi em que bautisamos 3, 4, e enterrávamos outros tantos, e ás vezes era a pressa tanta, que, por poder acudir a todos, se bautisava sem ceremonias. E posto que o mais do tempo andávamos antre elles, quiz Nosso Senhor que nunca se nos apegou a doença[2].

Em outra carta, escrita três anos depois, em 1563, outro jesuíta, o padre Leonardo do Valle, menciona a morte de mais de 1.800 almas em apenas dois meses, de uma peste (provavelmente varíola). O padre chega a mencionar os comentários de que a doença teria sido transmitida aos indígenas a partir da chegada de uma nau a Ilhéus, que trouxera o padre Francisco Viegas, mas diz acreditar que seria mesmo castigo de Deus diante dos pecados dos indígenas. Vejamos parte da carta:

> De maneira que seu peccado foi castigado com uma peste tão estranha que por ventura nunca nestas partes houve outra similhante; alguns querem dizer que se pegou da náu em que veiu o padre Francisco Viegas, porque começou nos Ilheos, onde ella foi aportar; mas parece mais certo ser açoute do Senhor [...] Bem me parece que em cada uma daquellas três aldeias morreria a terceira parte da gente, porque só em Nossa Senhora da Assumpção haverá dous mezes que ouvi dizer que eram mortas 1080 almas, e com tudo isso diziam os índios que não era nada em comparação da mortandade que ia polo sertão a dentro, que ainda nisto nos quiz Nosso Senhor favorecer para elles acabarem de crer que, não pola conversação dos Christãos nem por causa da doutrina, mas por sua cegueira e péssimos ritos, lhes veiu o castigo [...][3]

No ano seguinte, 1554, o padre Antônio Blasquez menciona "duas grandes mortandades" (p. 404), que teriam dizimado um número significativo de indígenas. A segunda, que seria mais cruel que a primeira, o padre identificou como sendo "umas varíolas ou bexigas" (p.406). Em sua carta, Antônio Blasquez, indiferente ao fato de serem os próprios cristãos causadores das doenças, faz o seguinte comentário: "pelo ministério do sagrado baptismo mandou o Senhor nesta sua mortandade, por intermédio dos da Companhia, muitos centenares de almas ao Céu (p. 405)" [4].

A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha chama a atenção para o desaparecimento de povos indígenas, como consequência do contato com os micro-organismos trazidos pelos

---

[2] Carta do Padre Ruy Pereira aos padres e irmãos da Companhia da Província de Portugal, da Bahia, a 15 de setembro de 1560, p. 258-259. In.: Cartas Avulsas. Publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1931.
[3] Carta do Padre Leonardo do Valle da Bahia para o Padre Gonçalo Vaz, Provincial da Companhia de Jesus de Portugal, aos 12 de maio de 1563, p. 382-384-385. In.: In.: Cartas Avulsas. Publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1931.
[4] Carta de Antônio Blasquez para o Padre Provincial dè Portugal da Bahia de 30 de maio de 1564. In.: Cartas Avulsas. Publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1931.

europeus. Esses teriam reduzido uma população na casa dos milhões a pouco mais de 800 mil indígenas. Ainda segundo a autora, as epidemias seria o principal agente de depopulação indígena. Enquanto na África os colonizadores teriam sido vítimas fatais de epidemias, a barreira epidemiológica lhes foi favorável na América. Com efeito, os povos indígenas no Brasil foram vítimas fatais das epidemias, sendo agentes patogênicos de diversas doenças, como varíola, sarampo, coqueluche, catapora, tifo, difteria, gripe, peste bubônica e, ainda segundo autora, "possivelmente da malária" (CUNHA, 2012, p. 14). Como nos lembra Cunha, não podemos explicar esse morticínio – que tem sido considerado um dos maiores cataclismos biológicos do planeta – apenas a partir da falta de imunidade dos povos nativos. Vejamos a autora:

> Outros fatores, tanto ecológicos como sociais, tais como a altitude, o clima, a densidade de população e o relativo isolamento, pesaram decisivamente. Em suma, os micro-organismo não incidiram num vácuo social e político, e sim num mundo socialmente ordenado (CUNHA, 2012, p. 14-15).

Refletindo sobre as epidemias no contexto das reduções jesuítico-guaranis no século XVII, Eliane Fleck lembra que as epidemias também foram causadoras de desestruturação e desterritorialização tribal, que teriam levado à desnutrição, ou mudança nos hábitos alimentares dos indígenas, provocando novos distúrbios de saúde. Segundo a autora, o fato de o território ocupado pelos Guarani no século XVI ser muito grande, além de haver uma intensa comunicação entre as diversas aldeias, por trilhas ou seguindo os cursos dos rios, as epidemias se propagavam com facilidade. Assim como ocorreu nas epidemias causadas pelos colonizadores no século XVI, nos territórios que viria a ser o Nordeste do Brasil, a causa das doenças era atribuídas aos próprios indígenas, seja como castigo divino aos pecados por eles cometidos, seja pela natureza dos seus hábitos e costumes. Do mesmo modo, quando algum/a indígena conseguia sobreviver à epidemia, a cura era atribuída aos padres, enquanto um milagre proporcionado pelo Deus do colonizador. Do mesmo modo, a conversão, através do batismo das/os que encontravam-se no leito da morte, como mencionamos acima, era comemorada como uma vitória dos jesuítas, pois teriam enviado mais uma alma ao céu. Os padres, portanto, eram responsáveis pelo mal, pela sua cura e, na ausência desta, pela salvação da alma da/o enferma/o.

Diante desses dados, pode-se ter uma dimensão do que os povos indígenas enfrentaram ao longo da sua história após o contato. Muitos foram extintos e outros tiveram sua população reduzida ao ponto de terem sido considerados extintos. No cenário atual, quando a grande

maioria da população brasileira passa a conhecer pela primeira os efeitos devastadores de uma epidemia, a história apenas se repete para os povos indígenas, com o advento da Covid-19.

3.2 O indígena e à docência

A prática docente se refere "ao fazer do professor, ou seja, ao trabalho que é inerente à atividade da docência" (MELO, 2014, p.41). Assim, consideramos que ensinar não consiste apenas da transferência de conhecimentos, mas de um processo de ensino-aprendizagem, que se dá por meio de trocas que ocorrem a partir de uma relação dialógica. Compreendemos, portanto, que a prática docente diz respeito ao fazer do professor em sua função de ensinar.

> [...] que é ao mesmo tempo ação subjetiva, se faz também coletivamente na socialização entre os professores, entre professores e alunos, e entre professores e instituições nas quais se inserem. É, pois, no entrelugar do subjetivo e do coletivo que a prática docente se constrói, não sendo tão somente produto das vivências individuais do professor com o exercício profissional e nem tão somente resultado das relações deste com o contexto (MELO, 2014, p.42).

Desta maneira, entendemos que a prática docente acontece tanto individual quanto coletivamente, por surgir e se construir a partir da experiência docente. Tal experiência ocorre através das relações com alunas/os e entre as/os próprias/os docentes, através da partilha.

A prática docente é diferente da prática pedagógica, pois

> […] uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados (FRANCO, 2016, p. 536).

Portanto, podemos afirmar que "há práticas docentes construídas pedagogicamente e há práticas docentes construídas sem a perspectiva pedagógica, num agir mecânico que desconsidera a construção do humano" (*ibid*,. p. 535-536).

3.3 Prática docente e povos indígenas

No contexto da educação escolar indígena, para a construção das aulas e atividades, as/os professoras/es indígenas precisam levar em consideração o contexto escolar e a realidade na qual as/os alunas/os e ela/e própria/o estão inseridas/os. Isso acontece porque a sua prática

não ocorre de forma isolada. Sendo assim, é necessário que haja uma organização didática para que essa prática possa alcançar os objetivos planejados. Veiga considera um projeto de organização didática de aula significativa, aquele que

> [...] ultrapasse a concepção mecanicista de planejamento de ensino, é resultante de um processo integrador entre a instituição educativa e o contexto social, efetivado de forma colaborativa pelos professores e seus alunos. A aula, lugar privilegiado da vida pedagógica, refere-se às dimensões do processo didático – ensinar, aprender, pesquisar e avaliar -, preparado e organizado pelo professor e seus alunos. (VEIGA, 2008, p. 267).

Por esse motivo, as aulas devem ser pensadas levando em consideração os conhecimentos e vivencias culturais que fazem parte do contexto escolar, pois estas são parte das práticas de ensino e aprendizagem.

A partir disso, pensamos sobre os métodos de ensino, que – para que sejam significativos e ocorram a partir da singularidade, sabendo lidar com os imprevistos que ocorrem no dia a dia – devem ser pensados e organizados para promover a aprendizagem, não como mera reprodução do conhecimento, mas como prática refletida.

4. O docente e a readaptação

Considerando o atual contexto de pandemia em que estamos vivendo, onde toda a realidade conhecida se tornou totalmente diferente do que estávamos habituados, as escolas e seus profissionais precisaram se reinventar para ministrar as suas aulas em todos os aspectos. Antes da pandemia, como se sabe, as aulas aconteciam presencialmente e o professor tinha liberdade para planejar e executar seu planejamento em sala de aula normalmente, acompanhar a aprendizagem da/o aluna/o todos os dias, acompanhar seu desenvolvimento, suas dúvidas e todo o processo de ensino.

Com a pandemia essa realidade se tornou totalmente distante, as aulas começaram a ser ministradas remotamente, as/os alunas/os assistiam as aulas de casa pela internet, em aparelhos celulares ou computadores, e os professores tiveram que se ajustar a essas mudanças. Essas envolvem mais do que apenas ministrar as aulas, mas ajustar o seu planejamento para a realidade de cada aluna/o, se adaptar com as novas tecnologias que estão sendo usadas para aulas, usar métodos não convencionais para atrair a atenção da/o aluna/o, considerando que essas/es, agora em casa, dificultaria o processo de ensino/aprendizagem e acompanhamento do mesmo. Segundo Moraes, “compreender as práticas significa compreender as condições de produção dessas, que são sempre histórica e socialmente situadas, não por meio de regras explícitas, mas a partir do senso prático do jogo, de jogar o jogo da aula” (MORAES, 2015, p.

110).

Desse modo, as/os professoras/es usam estratégias que condiz com a realidade vivenciada pelas/os alunas/os nesse momento de pandemia.

4.1 Visão da/o docente para com a/o aluna/o

Diante das dificuldades e de algumas frustrações, vendo que suas/seus alunas/os nesse cenário, em sua maioria, não conseguiram acompanhar as aulas, o docente se sente impotente, pois não consegue evitar que a pandemia tenha implicações no desenvolvimento e ensino-aprendizagem das/os suas/seus alunos**.**

No atual contexto de pandemia em que estamos vivendo, as dificuldades para escolas indígenas só aumentaram, devido à maioria das/os alunas/os não ter acesso à internet, não terem equipamentos adequados para assistir as aulas ou até mesmo por não saberem como utilizar os meios de tecnologia que temos hoje em dia. Desse modo, as/os professoras/os tiveram que se reinventar para ministrar as suas aulas, considerando todo o contexto da sua cultura, da escola e dos alunos que estão lá. Segundo Moran, "na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social" (2000, p. 13).

Consideramos esse momento de descoberta e aprendizagem para toda a comunidade escolar, uma vez que estamos vivenciando um momento atípico e precisamos nos adaptar para dar continuidade à escolarização dos alunos. Trazendo essa ideia de reinvenção, Freire ressalta que:

> Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 32).

4.2 A pandemia pela experiência das/os docentes indígenas

Neste tópico, apresentamos os resultados de nossa conversa com dois professores indígenas, que são caciques do seu povo (Truká e Pipipã), e uma professora indígena, também liderança do seu povo (Kambiwá). Os critérios para a escolha desses interlocutores e dessa interlocutora foram 1) o fato destes serem membros da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco (Copipe), com destaque no movimento indígena no estado; e 2) pertencerem a povos situados em contextos relativamente distintos. Antes, faremos uma breve apresentação

dos povos indígenas em Pernambuco.

Atualmente, 12 povos indígenas são reconhecidos em Pernambucano: Atikum, Entre Serra Pankararu, Fulni-ô, Kambiwá, Kapinawá, Pankaiwká, Pankará, Pankararu, Pipipã, Truká, Tuxá e Xukuru. Para alguns indígenas, esse número seria maior, considerando que alguns povos vêm exigindo reconhecimento da sua identidade étnica. Uma análise mais detalhada dos processos de etnogêneses desses povos seria praticamente impossível nos limites do presente trabalho. O mapa abaixo mostra a localização desses povos, seguido de um quadro com sua população, com base no senso 2010 (IBGE).

Povo	População	Localização
Kapinawá	3.283	Buíque, Tupanatinga e Ibimirim
Xukuru	12.000	Pesqueira
Fulni-ô	4.260	Águas Belas
Tuxá	261	Inajá
Kambiwá	2.911	Ibimirim e Inajá
Pipipã	1.195	Floresta
Pankararu	5.500	Petrolândia, Tacaratu e Jatobá
Pankararu Entre Serras	1.500	Petrolândia
Pancaiuká	150	Jatobá
Atikum	4.631	Carnaubeira da Penha e Salgueiro
Pankará	5.000 e 300	Carnaubeira da Penha e Itacuruba
Truká	5.986 e 250	Cabrobó e Orocó

De acordo com os dados da Plataforma de Monitoramento da Situação Indígena na Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19) no Brasil, do Instituto Socioambiental (ISA)[5], consultada na ocasião da finalização deste trabalho (dia 16 de maio de 2022), o número de casos de infecção de indígenas por Covid-19 em terras indígenas é de 65.631. O número indígenas mortos em terras indígenas é de 911.

A Plataforma do ISA também disponibiliza o número de indígenas infectados segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), fornecendo um link para o site da Articulação. A Apib também faz o monitoramento dos casos de Covid-19 entre indígenas[6]. O órgão apresenta os dados informados tanto pela Sesai quanto pelo Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena. Na ocasião da finalização deste trabalho (dia 16 de maio de 2022), os números apresentados pela Apib eram os seguintes: casos confirmados de infecção: 71.515. Indígenas mortos pela Covid-19: 1.306. Povos afetados pela Covid-19: 162:

Em Pernambuco, segundo a Plataforma do ISA, foram registrados 1.940 casos de infecção entre as/os indígenas. 19 indígenas em todo o estado teria falecido em decorrência do vírus.

A seguir, trazemos o resultado da conversa com Yssor, Cacique e professor do povo Truka; da professora Francisca Kambiwa, professora e liderança do seu povo; e do Cacique e professor do povo Pipipã Valdemir Lisboa.

4.2.1 Povo Truká

O povo Truká vive nos município de Cabrobó e Orocó, no estado de Pernambuco**.** Para a coleta de dados sobre os impactos da Pandemia na educação escolar desse povo, conversamos com o seu Cacique, Yssor, que habita na Ilha de Assunção, no município de Cabrobó. Segundo o mesmo, os efeitos da pandemia em sua comunidade foram impactantes. Trabalhar com a readequação teria sido um grande desafio. Assim, se reinventar não teria sido tão difícil quanto se adaptar. Por falta de acesso à comunicação e ao próprio território do povo Truká, a pandemia teria deixado esse povo bastante escasso. A comunidade é baseada na relação familiar. Durante a pandemia, os Truká proibiram a entrada de estranhos, limitando entrada e saída, e construindo barreiras sanitárias por iniciativas deles mesmos. Sem assistência dos órgãos públicos, apenas com suporte da Universidade Federal Pernambuco, que os orientava a se prevenirem e se

---

5 http://covid19.socioambiental.org/#:~:text=Plataforma%20de%20monitoramento%20da%20situa%C3%A7%C3%A3o,ind%C3%ADgenas%20representa%20um%20grande%20desafio.

6 http://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/

adaptarem. A readequação se deu por conta das/os próprias/os indígenas. Através de reuniões com a comunidade, criaram a sua forma de fazer pedagógico, ideal para sua realidade.

A preparação de aula dentro da nova normalidade ocorreu, inicialmente, com o planejamento das aulas remotas pelas/os docentes em suas próprias casas. Essas aulas, segundo o Cacique Yssor, teriam sido inicialmente um fracasso. Diante desses resultados, nas reuniões das/os professoras/es Truká, chegaram à conclusão de que era necessário atividades para auxiliar as alunas/os. Então, semanalmente, os barqueiros iam até as escolas, buscavam as atividades e levavam até pontos de encontro onde as famílias esperavam para receber, e assim sucessivamente com entrega e retorno das atividades.

Logo foi notável uma grande evasão. Os pais, em sua maioria, não tinham domínio sobre os conteúdos, acabando por deixar de lado as atividades escolares das/os filhas/os. Sendo assim, foi necessário lideranças do povo, como Cacique, Pajé e outras lideranças, sensibilizarem os aldeões sobre a importância das atividades educacionais. Assim, os que tinham acesso à tecnologia tinham contato direto com o professor, tirando suas dúvidas. Os que não dispunham de tecnologia buscavam esclarecer de outras formas. Embora, diante das inúmeras dificuldades, as/os alunas/os não tenham tido a mesma qualidade do ensino presencial, conseguiram bons resultados.

> Não foi fácil entrar nesse cenário. Foi assustador. O povo indígena sofreu descaso, como já vem sofrendo há anos por parte do governo. Tivemos que criar nosso próprio fazer pedagógico; nossos líderes tiveram que sensibilizar as famílias através do pouco conhecimento que tínhamos sobre a doença. Só queremos o que é nosso. O Brasil entrou na nossa história para usufruir do que era nosso, e ainda não nos respeitam.

Ainda segundo Yssor, a maior dificuldade da/o docente do seu povo foi não saber o caminho a seguir, visto que o MEC não passava orientações. As narrativas de Yssor Truká evidenciaram o descaso dos poderes públicos quanto às comunidades indígenas, com assistência precária, durante a parte mais crítica da pandemia, à saúde e à educação indígenas.

4.2.2 Povo Pipipã

O povo Pipipã habita no município de Floresta, sertão do estado de Pernambuco**.** Para a coleta de dados sobre os impactos da Pandemia na educação escolar desse povo, conversamos com seu Cacique, Valdemir Lisboa, que também é professor da comunidade. Segundo Valdemir, um dos problemas enfrentados residia no fato de os planejamentos para aulas virtuais não conseguirem ser mais baseados em costumes e vivências. Planejar para o distante

demandava tempo e uma lacuna enorme. Com acesso à tecnologia dentro das suas possibilidades, as/os alunas/os iam se adequando. As atividades eram planejadas e impressas com total suporte da escola, para ser entregues aos motoristas escolares que as entregavam as/aos estudantes, Essa dinâmica fora criada pela própria escola, sem nenhum suporte da Secretaria Estadual de Educação, nem MEC. Segundo Valdemir, em nenhum momento foi feita alguma formação que levasse a/o docente a se preparar para lidar com essa nova realidade. Vejamos o que diz o Cacique:

> O medo foi resultado do impacto que o vírus trouxe, mas seguíamos, pois somos espiritualmente fortes. Sabíamos que poderíamos passar por isso, e tomamos os cuidados precisos. Por conta própria e sem orientação, criamos barreiras sanitárias. Nenhum visitante era permitido. Não houve suporte de governos federais e estaduais, e tampouco do MEC. Tivemos que nos adaptar de acordo com nossa vivência e cultura. Planejar para os alunos que estavam distantes demandava um tempo que resultava em lacunas. Sem formação ou orientação, seguíamos definindo planejamento, mas adaptando as nossas necessidades. Nem todos tinham acesso às redes. Consequentemente, não tinham acesso às atividades on-line. Nossa escola é a extensão da comunidade. Somos família. A forma que ficamos afastados nos assustou.

Embora trabalhando dentro dessa dinâmica, o resultado das/os estudantes era baixo, o que acabou prejudicando sua aprendizagem. A maior dificuldade das/os professoras/es nessa comunidade foi ter que lhe dar com os anseios das/os alunas/os, que tinham muito medo de serem contaminadas/os de alguma forma.

4.2.3 Povo Kambiwá

O povo Kambiwá está localizado nos municípios de Inajá, Ibimirim e Floresta, todos situados no estado de Pernambuco. Para a coleta de dados sobre os impactos da Pandemia na educação escolar desse povo, conversamos com Francisca Kambiwá, liderança e professora do seu povo. Segundo Francisca, em sua comunidade o impacto iniciou quando tudo fechou, ou seja, quando foi decretado o primeiro *lockdown*, *que* restringiu a circulação da população e os estabelecimentos considerados não essenciais foram fechados. Segundo a mesma, com exceção das/os próprias/os moradoras/es, ninguém entrava na aldeia. A escola foi totalmente fechada. Os Kambiwá tentaram manter as aulas de modo remoto, mas não obtiveram sucesso devido à escassez da comunicação. Cada família tem, em média, dois ou três alunas/os. Muitas/os não tinham celulares; e quando tinham era apenas um para dividir. Além disso, havia o problema da dificuldade no acesso à internet. Inicialmente, o remoto foi suspenso e seguiram com atividades impressas, que, como no caso dos Pipipã, eram levadas e buscadas pelos motoristas

escolares. As aulas e orientações se davam por grupos de WhatsApp.

> Inicialmente o impacto foi muito grande. Víamos as entradas todas bloqueadas; nenhum visitante era permitido. Não houve nenhum tipo de suporte dos governos federais e estaduais. A escola fechou e isso foi nosso maior desafio. Tínhamos que criar metodologias que pudessem ser aplicadas de forma remota, sendo que o acesso ao meio de comunicação é limitado. Tudo foi organizado por nos mesmos. Encontramos inúmeras dificuldades. Alguns tinham acesso ao smartphone, mas não tinham à internet, e ainda aqueles que tinham os dois, tinham dois ou três filhos em casa. Houve a grande necessidade de partimos da adaptação à realidade. Culturalmente também fomos afetados. Os rituais que ocorriam com o grande grupo se tornaram restritos para uma pequena quantidade.

Ainda segundo Francisca, o suporte por parte dos pais era escasso, visto que muitos não tinham domínio do conteúdo, o que dificultava as metodologias remotas. Com o retorno parcial das atividades presenciais nas escolas, muitos pais proibiram seus filhos e suas filhas de irem à escola com receio do vírus. Como nos demais povos, a comunidade não tinha apoio dos órgãos públicos, nem na saúde, nem na educação, apenas orientações básicas. O que prejudicou o desenvolvimento dos alunos e dificultou a atividade das professoras e professores.

5. Conclusão

Diante das narrativas, retornamos à questão inicial que suscitou a presente pesquisa: como as/os professoras/es e indígenas lidaram com a pandemia da Covid-19? Concluímos que os professores indígenas, de distintos povos, passaram por dificuldades semelhantes, ou mesmo idênticas, trazidas pelas escassezes de atenção das políticas públicas e a necessidade de se reinventar sem suporte adequado, que seria a orientação e a formação profissional para o novo cenário. A/O docente foi obrigada/o a passar por uma readaptação e contando com vários obstáculos que podemos elencar como: falta de suporte e direcionamento para o ensino remoto; falta de devolutiva das/os alunas/os, pela falta de condições de manterem as aulas remotas; o afastamento dos pais da escola, por medo do agravamento da situação, com a contaminação; a falta de recursos tecnológicos.

Sendo assim, concluímos que os problemas enfrentados pelos povos indígenas para a realização das aulas durante a pandemia da Covid-19 evidenciaram o descaso do poder público não só com a educação escolar indígena, mas na saúde. Embora a professora e os caciques indígenas que contribuíram com a pesquisa reconheçam que os resultados obtidos estão aquém dos resultados das aulas presenciais, os avanços obtidos se deram por iniciativa dos próprios povos, suas/seus professoras/es e lideranças. Seguindo essa perspectiva, guiados pelo

compromisso com a luta de seu povo, as professoras e os professores indígenas adotaram em sua práxis a reflexão e a busca por soluções aos problemas causados pela pandemia da Covid-19. Concluímos afirmando que os povos indígenas em Pernambuco se reinventaram com êxito para atender as demandas das suas comunidades.

6. Referências

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Editora Claro Enigma, 2012.

FEITOSA, Saulo. DE SÁ, Luiz. **O papel dos docentes indígenas na consolidação do currículo intercultural da educação escolar do povo Pipipã**. R. Articul.const.saber, 2021, v.6: e66704

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis (século 17). **Revista Varia História**, nº 33 Janeiro, 2005 163.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da Autonomia:*** **saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **PRÁTICA PEDAGÓGICA E DOCÊNCIA: UM OLHAR A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA DO CONCEITO**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016.

SALLES, Sandro Guimarães de. **Como cera branca: nota sobre a catequese e a educação dos povos indígenas**. EDUCAÇÃO, ESTADO E DIVERSIDADE. Coleção Educação, Saberes e Práticas Didático-Pedagógicas – Volume 7.

MELO, M. J. **OS SENTIDOS PARTILHADOS SOBRE ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR COM EXPERIÊNCIA DOCENTE.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, 2014.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos; BEHRENS, Marilda (Orgs.). Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-65.

SANTANA, Ian Lima. SANTANA, Nivaldo Vieira de. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: um olhar a partir de Freire, LDB e Estatuto dos Povos Indígenas. **ODEERE, Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade.** ISSN: 2525-4715 – Ano 2020, Volume 5, número 9, Janeiro – Junho de 2020.

SANTOS, Ramylla. CAVALCANTI, Alexsandra. FLORÊNCIO, Roberto. **A ESCOLA INDÍGENA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL TRUKÁ.** Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso, v. 2, n. 3, p. 7-18, jan./dez. 2014.

VEIGA; Ilma Passos Alencastro. **AULA: Gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas-SP: Papirus, 2008. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.
http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1261-artigo-pandemia-se-soma-a-graves-problemas-ja-enfrentados-pelos-povos-indigenas-e-profissionais-que-cuidam-deles acessado em 07 de abril 2022

Sites consultados:

https://www.dw.com/pt-br/como-ancestrais-ind%C3%ADgenas-se-preveniam-de-epidemias/a-53335336
acessado em 10 de maio 2022

https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53452614
acessado em 10 de maio 2022

http://covid19.socioambiental.org/#:~:text=Plataforma%20de%20monitoramento%20da%20situa%C3%A7%C3%A3o,ind%C3%ADgenas%20representa%20um%20grande%20desafio.
acessado em 10 de maio 2022

http://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/
acessado em 10 de maio 2022

YARA LUANA DE LUCENA LOPES

QUAL IMPACTO A PANDEMIA DA COVID-19 TEVE NA VIDA DOS DOCENTES DE ETNIA INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 17 / maio / 2022

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Sandro Guimarães Salles (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profª. Natally Araujo da Silva Galindo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profª. Saira Esperanza Vargas Sánchez (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco